



# Teorias antropológicas e a etnografia enquanto proposta metodológica: o campo e os sujeitos da pesquisa<sup>1</sup>

*Anthropological theories and ethnography as a methodological proposal: the field and research subjects*

LEONARDO TOLEDO SILVA

Doutor em educação PucMinas;

Professor do curso de educação física do Centro universitário UniArnaldo;

leotoledos@yahoo.com.br

## RESUMO

---

Neste texto pretendo discutir as contribuições das teorias antropológicas e da sua principal metodologia de pesquisa, a etnografia, investigando uma comunidade tradicional/ribeirinha e os sujeitos que por ali circulam. Apresento a Barra do Guacuí, uma comunidade ribeirinha do norte de Minas Gerais e os sujeitos da pesquisa. Entender esse grupo é o grande desafio da pesquisa, compreendendo-os como jovens que, na relação com outros sujeitos e o meio-ambiente, produzem e reproduzem identidades, corpos, comportamentos, estilos de vida em diálogo permanente com os membros da sua comunidade, os locais por onde circulam e com o Rio São Francisco. Escutar, descrever e analisar os jovens onde estão inseridos fornece mais do que pistas sobre eles, mas modos de ser e viver de uma população ribeirinha.

**Palavras-chave:** Etnografia; Cultura; Cotidiano

---

<sup>1</sup> Este texto foi construído com base em pesquisa de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas.

## ABSTRACT

---

*In this text I intend to discuss the contributions of anthropological theories and their main research methodology, ethnography, investigating a traditional/riverside community and the subjects who live there. I introduce Barra do Guacuí, a riverside community in the north of Minas Gerais, and the research subjects. Understanding this group is the great challenge of research, understanding them as young people who, in their relationships with other subjects and the environment, produce and reproduce identities, bodies, behaviors, lifestyles in permanent dialogue with members of their community, the places where they travel and the São Francisco River. Listening to, describing and analyzing the young people in which they live provides more than just clues about them, but ways of being and living among a riverside population.*

**Keywords:** Ethnography; Culture; Everyday.

## 1 INTRODUÇÃO

A ideia central deste texto é discutir as contribuições das teorias antropológicas e da etnografia como metodologia de coleta de dados para os estudos de comunidades tradicionais/ribeirinhas, lazer, juventudes e identidades. Além disso, apresento o local, a Barra do Guacuí e os sujeitos da pesquisa. A etnografia parece à abordagem metodológica mais adequada para a realização de uma pesquisa dessa natureza, permitindo compreender os sujeitos e suas práticas sociais. Segundo Cohn (2005):

Fazer antropologia é tentar entender um fenômeno em seu contexto social e cultural. É tentar entendê-lo em seus termos. Desde cedo, os antropólogos têm insistido na necessidade de abordar as culturas e as sociedades como sistemas, o que significa dizer que qualquer evento, fenômeno ou categoria simbólica e social a ser estudado deve ser compreendido por seu valor no interior do sistema, no contexto simbólico e social em que é gerado. (COHN, 2005, p. 09).

Cabe assinalar que o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica. Segundo Magnani (2003), ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos, e o pesquisador pode usar ou servir-se de várias técnicas, conforme as circunstâncias de cada pesquisa.

Logo o pesquisador ao realizar a pesquisa de campo etnográfica tem por objetivo conhecer muito por menores as culturas e o contexto social das pessoas que estão ali

envolvidas e circulando, e é certo que seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Portanto o pesquisador não pode ficar atento somente aos acontecimentos “estranhos e exóticos” e prestar atenção em todos os movimentos e interações (MALINOWSKI,1976).

Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhe dá: em alguns momentos, os fragmentos podem arranjar-se num todo, que oferece a pista para um novo entendimento conforme os caminhos da pesquisa e de seus participantes (pesquisador/pesquisados). É preciso fazer como o antropólogo diante de costumes ou ritos “exóticos”: deixar de lado uma postura etnocêntrica e observá-los de perto e em seu próprio contexto, pois se existem é porque possuem um significado para aqueles que os praticam (MAGNANI, 2003).

É nessa interação com o multifacetado que se dá a descoberta do cotidiano e os conhecimentos produzidos pelos protagonistas desse processo. O cotidiano é feito de silêncio, de gritos, sons, cheiros, gestos, atitudes e tantos outros sinais que na maioria das vezes se encontram embaixo dos escombros da história. Assim, O trabalho com o cotidiano, aproximando-nos da etnografia nos lança o desafio de, na inserção dos cotidianos da vida revelar o oculto, ou o de desnaturalizar o natural e vice e versa. (VICTORIA, 2013, p.3). Adotar a etnografia significa incorporar o pressuposto de situar o lazer mais em suas inter-relações com o modo de vida e o cotidiano dos moradores na periferia e porque não, da população ribeirinha, do que em sua contraposição ao mundo do trabalho, simbolizado pela fábrica (MAGNANI,2012) Dessa maneira:

O trabalho do cientista social é próximo ao do artesão. Demanda tempo, abstração e contemplação. A construção dos nexos entre as partes aparentemente díspares e distantes exige um olhar atento, uma perspectiva com foco... Dessa forma, a primeira tarefa que se impõe àquele que se propõe a dissertar sobre algum aspecto de um fenômeno social, como, por exemplo, a sociabilidade do jovem, é tentar tal como um artista sensibilizar seu receptor por meio de mediações estéticas e conceituais. Isto é, a partir de inquietações e/ou de estímulos prévios, apropriar-se de conhecimentos já levantados e através deles reconstruí-los, a fim de torná-los inteligíveis do ponto de vista da teoria científica. (SETTON, 2011, p.67).

## 2 CULTURA COMO SISTEMA DE SIGNOS INTERPRETÁVEIS

Parto da compreensão do conceito de cultura, numa perspectiva antropológica, ampliando a sua associação aos modos de vida, hábitos e costumes de um povo, grupo ou determinada região.

Uma das referências para a discussão da noção de cultura, que me acompanha é o pesquisador Clifford Geertz (2014), para quem sobressai o entendimento que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu e a cultura sendo essa teia. Em sua análise, compreender a cultura é entender o significado atribuído as diferentes práticas cotidianas. Em suas palavras,

a cultura como sistema de signos interpretáveis (o que chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 2014, p10).

Outras autoras que sempre estiveram nessa jornada e que ajudam a ampliar a noção de cultura são Gomes e Faria (2005), segundo elas, o importante é considerar que a cultura é dinâmica e sua mudança contínua dá-se por motivos internos (a cada geração aspectos tradicionais são modificados e novos são incorporados) e, externos, no contato entre diferentes sociedades ou grupos sociais, o que gera uma troca de elementos culturais.

Para Roy Wagner (2012), a cultura se tornou uma maneira de falar sobre os sujeitos e seus mundos. Este autor comenta que qualquer elemento simbólico dado pode ser envolvido em vários contextos culturais, e a articulação desses pode variar de um momento para outro, de uma pessoa para outra ou de um grupo de pessoas para outro. Uma palavra ou qualquer elemento simbólico adquire suas associações convencionais do papel que desempenha na articulação dos contextos em que ocorre e da importância e significância relativa desses contextos.

Wagner (2012), salienta que o pesquisador, ao fazer o trabalho de campo, está “inventando” uma cultura e nesse ato, ele cria a sua própria e acaba por reinventar esta noção. Assim, adverte:

De fato, poderíamos dizer que um antropólogo “inventa” a cultura que ele acredita estar estudando, que a relação – por consistir em seus próprios atos e experiências – é mais “real” do que as coisas que ela “relaciona”. No entanto, essa explicação somente se justifica se compreendemos a invenção como um processo que ocorre de forma objetiva, por meio de observação e aprendizado, e não como uma espécie de livre fantasia. Ao experienciar uma nova cultura, o pesquisador identifica novas potencialidades e possibilidades de se viver a vida, e pode efetivamente passar ele próprio por uma mudança de personalidade. (WAGNER, 2012, p.42).

O autor, ainda comenta que o pesquisador não pode simplesmente “aprender” uma nova cultura e situá-la ao lado daquela que ele já conhece; deve antes “assumi-la” de modo a experimentar uma transformação de seu próprio universo. Portanto, “o pesquisador se quiser aprender algo sobre essas pessoas e seu modo de vida, terá de aprender com elas (p.46), sem precisar, para isto, virar nativo.

Nestes termos, um antropólogo vivencia, de um modo ou outro, seu objeto de estudo (o local, sujeitos, objetos, rituais...); ele o faz através do seu próprio universo (carregado de sentidos e significados), e então se vale dessa experiência para comunicar uma compreensão aos membros de sua própria cultura, ele só consegue se o seu relato fizer sentido nos termos da sua sociedade (WAGNER, 2012).

Wagner (2012), chama a atenção do significado que os antropólogos dão para as coisas, sejam elas objetos, falas ou gestos, uma apresentação das maneiras pelas quais criamos e experiênciamos os contextos. Qualquer elemento de campo pode ser envolvido em vários contextos culturais, e a articulação desses podem variar de um momento para outro, de pessoa para outra ou de um grupo de pessoas. Isto posto, “uma palavra ou qualquer outro elemento simbólico adquire suas associações convencionais do papel que desempenha na articulação dos contextos em que ocorre e da importância e significância relativa desses contextos” (p.113), ou seja, criamos e damos sentidos (para nós e para os nativos) ao inventarmos a cultura, nossa e deles.

Se isso a que os antropólogos inventam é tão abrangente como está sendo suposto, então essa obsessão por parte do pesquisador não é despropositada, pois estudá-la constitui um universo de pensamento e ação quanto a sua própria cultura. Portanto, ela torna-se visível pelo choque cultural, pela relação que o pesquisador e nativo articulam. A cultura, nesse sentido, delimita um sinal de igualdade invisível entre o conhecedor (que vem a conhecer a si próprio) e o conhecido (que constitui uma comunidade de conhecedores) (WAGNER, 2012). Mas o pesquisador ao inventar uma cultura não a faz como os sujeitos que estão imersos no cotidiano do local pesquisado:

Ele não está aprendendo a cultura do modo como o faria uma criança, pois aborda a situação já como adulto que efetivamente internalizou sua própria cultura. Seus esforços para compreender aqueles que está estudando, para tornar essas pessoas e suas condutas plenas de significado e para comunicar esse conhecimento a outros brotarão de suas habilidades para produzir significados no âmbito de sua própria cultura. Desse modo, o que quer que ele “aprenda” com os sujeitos que estuda assumirá a forma de uma extensão ou superestrutura, construída sobre e *com* aquilo que ele já sabe. Ele irá “participar” da cultura estudada não da maneira como um nativo o faz, mas como alguém que está simultaneamente envolvido em seu próprio mundo de significados, e *esses significados também farão parte*. Se retornarmos aquilo que foi dito sobre objetividade relativa, lembraremos que é o conjunto de predisposições culturais que um forasteiro traz consigo que faz toda a diferença em sua compreensão daquilo que está “lá”. (WAGNER, 2012, p.52).

Nestes termos Wagner (2012), sustenta que na medida em que produzimos coisas (culturas), nossa preocupação é com a preservação dessas. Segundo o autor nossos sótãos, porões, baús, álbuns e museus estão repletos de um tipo de cultura que gostamos de guardar, assim “conservamos as ideias, as citações, as memórias, as criações, e deixamos passar as pessoas” (WAGNER, 2012, p.87).

Assim, a noção de cultura nos ajuda a pensar a experiência humana, nossa relação com o mundo do qual fazemos parte, como pensamos e como relacionamos com os outros, nosso modo de agir e de interpretar a realidade (GOMES e FARIA, 2005). A partir desse entendimento de cultura, podemos conhecer a Barra do Guaicuí e os sujeitos que ali habitam.

Para compreender os jovens da Barra é preciso adentrar neste contexto cultural e apropriar de suas construções simbólicas, abrindo possibilidades para ouvir, ver, sentir com os próprios sujeitos como vivenciam suas práticas e somente depois, escrever sobre e com eles a respeito dessas construções. Nesse sentido me aproprio da etnografia como método e teoria nos estudos das culturas, sendo a abordagem mais adequada para realização de uma pesquisa cujo objetivo é compreender os sujeitos e suas práticas culturais em seu cotidiano (SILVA e TOSTA, 2016).

De fato, a experiência etnográfica representa uma oportunidade única e singular no processo de compreensão do “outro”, de um lado exigindo do pesquisador um esforço constante de estranhamento e conjugação do universal com o particular na análise cultural, do outro possibilitando uma “fusão de horizontes” entre os pontos de vista do nativo e do antropólogo (ROCHA e TOSTA, 2013).

O entendimento aqui será então de amplificar as vozes dos sujeitos e suas práticas sociais, desta forma, o pesquisador não apenas apreende o significado do arranjo do nativo, mas ao perceber esses, e conseguir descrevê-los, é capaz de atestar sua lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores (MAGNANI, 2002).

O que Magnani (2002), propõe nesse sentido é uma perspectiva de perto e de dentro, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e de seus equipamentos.

Esta é a forma de operar da etnografia que, tendo como pressuposto a relação de alteridade, produz um conhecimento diferente do obtido por intermédio de outras perspectivas, “trata-se de uma empreitada que supõe trabalho paciente e continuado, ao cabo do qual, ou em algum momento, elementos dispersos se ordenam, perfazendo um significado até mesmo inesperado” (MAGNANI, 2012, p.264).

Assim, entendemos que o investigador ocupa um papel-chave na pesquisa, pois cabe a ele observar, sistematizar e interpretar a realidade pesquisada

identificando ao menos duas dimensões: a pública, portanto, o lado manifesto e explícito das relações sociais, e a privada, o lado ao qual se referem os elementos constitutivos e atuantes dos bastidores, aquilo que está, aparentemente, implícito e subsumido pela realidade enfocada. Fato que requer saber que no social o cotidiano é composto de mundos interdependentes aos quais os acessos dependem do nível de interação que se estabelece entre o investigador e o grupo social pesquisado. E que evidencia que qualquer grupo humano tem regras próprias – traços culturais peculiares e nem sempre aparentes. (ROCHA e TOSTA, 2013, p.140)

O pesquisador ao realizar a pesquisa de campo etnográfica tem por objetivo conhecer as particularidades das culturas e o contexto social das pessoas que estão ali envolvidas e circulando, e é certo que seus comportamentos estão impregnados por essa imersão. Pesquisar no cotidiano exige construir relações com os sujeitos locais, trata-se de uma construção gradativa e de empatia, de saber comportar-se, o momento certo de perguntar, de participar, de ser aceito e até mesmo de ir embora, realizando uma imersão quase que microscópica, com uma observação sensível e sistemática no campo e com os sujeitos, a final de contas um interfere na vida do outro e vice-versa.

Minhas experiências com a pesquisa etnográfica não diferem das de outros que já se arriscaram nessa empreitada (MAGNANI, 2003; WHYTE, 2005; ELIAS e SCOTSON, 2000; GERRTZ, 2014 e tantos outros). Na entrada no campo há uma sensação de solidão, por não se conhecer a comunidade, os sujeitos que dela fazem parte, e a necessidade de ser aceito por eles. Isto provoca também um receio no pesquisador pois ele pode ser recusado.

No meu caso, eu havia feito contato apenas com o diretor da escola por telefone. Nesses primeiros contatos me lembrei o que diz a teoria que uma imersão microscópica precisa de tempo, é necessário encontrar e ser encontrado pelas pessoas “certas”, aquelas que vão te abrir as portas e apresentar/indicar os sujeitos que você tem que conhecer/conversar (ROCHA e TOSTA, 2013). A cada retorno encontrava novos sujeitos que se aproximavam ou afastavam, tinham interesse na pesquisa e nas fotos que tirava.

Desse modo, fui sendo introduzido no contexto local e adquirindo confiança dos moradores. No início percebia um distanciamento das pessoas. Eu era um desconhecido



andando pelas ruas com uma caderneta e caneta nas mãos e uma máquina fotográfica pendurada no pescoço, no mínimo um sujeito suspeito<sup>2</sup>.

Porém com o passar do tempo, sendo apresentado pelo diretor aos professores e funcionários da escola e convidado para participar das festas por Diana (uma das minhas informantes) começo a ficar mais próximo das pessoas, o diálogo aumenta, os sujeitos se aproximam e meu olhar de pesquisador começa a ficar mais apurado.

Sem essa liberdade de conhecer e ser conhecidos por todos que estão no pedaço não havia a possibilidade de ampliar a visão da Barra, uma comunidade ribeirinha tradicional. Considero a Barra do Guaicuí como um pedaço, categoria desenvolvida por Magnani (2003, 2012), um local onde as pessoas se reconhecem e são reconhecidas, possui uma intrincada rede de relações formada por laços de parentesco, vizinhança e coleguismo, é o lugar do encontro, do morar perto, por utilizar os mesmos equipamentos de educação, religião, lazer e talvez até o trabalho.

O pedaço possui elementos básicos constitutivos, um componente de ordem espacial e uma determinada rede de relações sociais. Dessa maneira, “enquanto o núcleo do “pedaço” apresenta um contorno nítido, suas bordas são fluidas e não possuem uma delimitação territorial precisa” (MAGNANI, 2003, p.116).

No pedaço estão localizados os serviços – locomoção, abastecimento, informação, culto, entretenimento – que fazem dele ponto de encontro e passagem obrigatórios. Não basta, contudo, morar ou frequentar com certa assiduidade esses lugares: para ser do pedaço é preciso estar situado numa rede de relações que combina laços de parentescos, vizinhança, procedência. Dessa forma, é principalmente o lugar de moradia que concentra as pessoas, permitindo o estabelecimento de relações mais personalizadas e duradouras que constituem a base da particular identidade produzida

---

<sup>2</sup> Encontrar o informante chave, aquela pessoa que te ajuda a circular pelo pedaço, é essencial como nos mostra o estudo de Whyte (2005), em uma pequena vila denominada Corneville, no meu caso não existia o Doc do autor, mas alguns sujeitos (Davi; Welton; e Diana) que davam o suporte necessário para que os demais membros da comunidade não desconfiassem da minha presença, estar com eles era o passaporte para circular pelos locais, festas, casas, escola dali.

no pedaço, é o lugar dos colegas, dos chegados: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer (MAGNANI, 2003, 2012).

Pertencer ao pedaço significa poder ser reconhecido no local, implica o cumprimento regras e códigos, as pessoas de pedaços diferentes, ou alguém em trânsito, são muito cautelosas ali, o conflito, a hostilidade pode estar presente, pois todo lugar fora do pedaço é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo, do desconhecido (MAGNANI, 2003).

Sendo o pedaço o lugar do encontro das pessoas, das práticas de lazer, religião, trabalho e educação, é neste local e com esses sujeitos que os jovens da Barra do Guaicuí vivenciam suas culturas e práticas sociais, criam sinais de pertencimento e inserção social, constituem/constroem/transformam suas identidades.

Lembro da primeira festa que investiguei, estava observando da porta quando fui convidado a entrar e como não conhecia as pessoas fiquei um pouco receoso do que podia fazer, até que a anfitriã me acolheu, apresentando as pessoas e dando liberdade para conversar, tirar fotos, fazer perguntas, comer e beber com os demais convidados, um verdadeiro rito de passagem, meu batizado no campo. Foi a partir desse momento que me tornei aceito na comunidade e começo a perceber os caminhos para a pesquisa: quem são meus colaboradores, onde devo ir, quem entrevistar e o quê fotografar, sendo necessário uma verdadeira reeducação dos sentidos.

Rocha e Tosta (2013), comentam que para realizar uma etnografia há que se pensar e mergulhar num tempo de espera em que a observação é um recurso indispensável. Exige um olhar da cultura que não é “dado” em crenças, sentimentos, normas legais e costumeiras. A observação deve ser do todo, tendo em vista sua complexidade, isso não elimina o trabalho de coleta de dados de outras maneiras, a rigorosa interpretação e integração das evidências empíricas de modo a recriar a totalidade que foi investigada. Estudar o cotidiano é saber que o tempo pode operar ou não a nosso favor, um mergulho demorado e intenso em um cotidiano multifacetado e até desconhecido.

No cotidiano tudo parece provisório, interino, experimental; nada nos é dado como produto acabado ou integrado num sistema único ou totalitário. Nesta forma de aproximação ao social, a realidade apenas se insinua não se entrega. Mas é assim mesmo que ela tem de ser imaginada, descoberta, construída (PAIS, 2003).

Para Pais (2003), o cotidiano é uma maneira privilegiada de análise na medida em que é revelador de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam. Segundo o autor, todas as atividades que fazem parte da existência da vida cotidiana se distribuem, dia após dia, de uma forma geralmente repetitiva (levantamo-nos, lavamo-nos, comemos, lemos o jornal etc.). Ele promove o entrecruzamento de distintas dimensões tempo/espaciais para além do linear e progressivo, homogêneo e exterior, mas também da repetição, da circularidade.

Mas o cotidiano não é apenas o tempo/espço de realização de atividades repetitivas é também um lugar de inovação, a própria recusa dele (as festas, as férias...) é a sua reorganização e transformação. Dessa maneira, tempo e espaço concorrem, com efeito, na produção da vida cotidiana. As próprias formas de rotina constituem um processo repetido de apropriação de tempo/espço (PAIS, 2003).

Rocha e Tosta (2013), expõe que pesquisar o cotidiano exige construir relações de interação que envolve, também, o pesquisador; trata-se de uma construção gradativa de comportamento que vão se desvelando e outros que vão se estruturando, quando de uma observação sensível e sistemática no campo. O cotidiano não se manifesta ou se dá a conhecer à primeira vista, é preciso tempo, maturação do olhar e um “inevitável” envolvimento com seus sujeitos. Condições que não podem ser simplificadas ou desprezadas dada a sua implicação, replicação e repercussão no processo de pesquisa como uma apropriação e interpretação da experiência humana em termos holísticos.

Por muitas vezes achava que não compreendia o que estava acontecendo no campo. Quando a rotina do cotidiano se mostrava banal e repetitivo (por exemplo, no campeonato) e eu queria entender apenas os jogadores e suas vivências futebolísticas, mas, na verdade precisava rever meus olhares e concentrar em outras coisas, que ainda

não havia percebido (como as relações de gênero que acontecem no campeonato, os horários dos jogos, os comportamentos dos torcedores, professores e funcionários).

Para Rocha e Tosta (2013), o cotidiano é um lugar privilegiado de análise social, pois é nele que se aprende o irracional, o não racional, o não lógico, a desordem, o acaso, a diferença – tudo que não pode ser quantificado no vir-a-ser social, portanto, estudar o cotidiano requer um treino teórico e metodológico por parte do pesquisador.

Compreendendo a etnografia enquanto método de pesquisa que privilegia a investigação do cotidiano, dos sujeitos e de suas culturas, desta maneira optei em trabalhar com outros enfoques metodológicos além da observação participante: a entrevista, e o questionário. Esses métodos possibilitaram compreender através de observações sistemáticas e falas os jovens e seus pares, em espaços diversos por eles frequentados, em um mergulho realizado no cotidiano daquele pedaço.

Com esses entendimentos, de cultura, etnografia, pedaço e cotidiano, o trabalho de campo aconteceu de 19/07/2017 a 30/09/2018. Neste período estive na Barra todos os meses (um ano e dois meses) variando minha estadia de três a dez dias, dependendo dos acontecimentos que ocorriam ou dos convites que recebia.

No processo de redação final do estudo compreendi com James Clifford (1998), que eu nunca seria um nativo e que deveria tomar alguns cuidados com a escrita etnográfica, pensada a partir da antropologia interpretativa (mesmo sabendo da importância dela)<sup>3</sup>, uma vez que existe uma relação tensa entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, o autor chama a atenção para alguns aspectos que precisam ser evitados na escrita do trabalho científico.

O primeiro diz respeito às experiências. Diz o autor: “Certamente é difícil dizer muita coisa a respeito de “experiências”. Assim como “intuição”, ela é algo que alguém tem ou não, e sua invocação frequentemente cheira a mistificação” (CLIFFORD, 1998,

---

<sup>3</sup> A antropologia interpretativa desmistifica muito do que anteriormente passara sem questionamento na construção de narrativas, tipos, observações e descrições etnográficas. Ela contribui para uma crescente visibilidade dos processos criativos (e, num sentido amplo, poéticos) pelos quais objetos “culturais” são inventados e tratados como significativos. (CLIFFORD, 1998, p.39).

p.35). Todavia, pode-se resistir à tentação de transformar toda experiência em interpretação. Embora as duas estejam reciprocamente relacionadas, não são idênticas. Faz sentido mantê-las separadas, quanto mais não seja porque apelos à experiência muitas vezes funcionam como validações para a autoridade etnográfica (CLIFFORD, 1998).

Outro aspecto é que o etnógrafo sempre vai embora, levando com ele textos para posterior interpretação (e entre estes podemos incluir as memórias – eventos padronizados, simplificados, retirados do contexto imediato para serem interpretados numa reconstrução e num retrato posterior). O texto, diferentemente do discurso, pode viajar. Se muito da escrita etnográfica é produzido no campo, a real elaboração de uma etnografia é feita em outros lugares. Os dados constituídos em condições discursivas, dialógicas, são apropriados apenas por meio de formas textualizadas. Os eventos e encontros da pesquisa se tornam anotações de campo. As experiências tornam-se narrativas, ocorrências significativas ou exemplos (CLIFFORD, 1998).

Quando Clifford (1998), questiona quem é na verdade o autor das anotações feitas no campo, ele afirma que o assunto é sutil e merece um estudo sistemático. Mas já foi dito o bastante para se poder afirmar que o controle nativo sobre o conhecimento adquirido no campo pode ser considerável, e mesmo determinante. A escrita etnográfica atual está procurando novos meios de representar adequadamente a autoridade dos informantes (CLIFFORD, 1998), ou seja, reconhecendo que o trabalho é escrito não apenas pelo autor/pesquisador, mas de forma coletiva com seus nativos (colaboradores).

Em minha pesquisa de campo percebi que muito rapidamente os informantes entenderam qual era o objeto da pesquisa e, como eles poderiam contribuir. Repetidas vezes eles davam pistas contínuas a respeito do que estavam fazendo e de que forma as coisas acontecem (teremos jogo amanhã cedo na quadra, vai lá; vou pescar mais tarde que ir tirar fotos? Na próxima semana teremos uma Dança de São Gonçalo).

Do mesmo modo, eles se apresentavam para “aparecer nos relatos” do pesquisador, tanto que fazem pose para as fotos, dão as entrevistas, que são reescritas

e na sequência lidas para eles modificarem ou não e serem publicadas, tem orgulho em mostrar suas vivências culturais. Certamente o trabalho foi construído junto com os sujeitos da pesquisa, uma via de mão dupla.

Assim, nem toda experiência do campo precisa ser interpretada no seu retorno, ela pode ser descrita e discutida com os sujeitos pesquisados, que influenciando a escrita final do texto etnográfico alterando, em certo sentido, o que foi observado, sentido e vivenciado pelo pesquisador.

Para Clifford (1998), os discursos etnográficos não são falas de personagens inventados. Os informantes são indivíduos específicos com nomes próprios reais – nomes que podem ser citados de forma modificada quando necessário. “Esta possibilidade sugere uma estratégia textual alternativa, uma utopia da autoria plural que atribui aos colaboradores não apenas o *status* de enunciadores independentes, mas de escritores” (CLIFFORD, 1998, p.55).

Mas, não se trata aí de uma fusão espiritual entre os antropólogos e nativos, como se fossem uma única pessoa, com a mesma visão de mundo e voz. Ao contrário, o processo de interpretação do significado de uma cultura corresponde na verdade a um processo de compreensão do que as pessoas dizem, pensam e acreditam que estão fazendo quando realizam uma ação social<sup>4</sup> (ROCHA e TOSTA, 2013).

Para Rocha e Tosta (2013, p.18) “tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, o antropólogo se vê na obrigação de repensar, reavaliar, reinterpretar suas próprias experiências e representações, além de aprender com a diferença do “outro””.

A maneira como percebemos as coisas está relacionada à distância que assumimos perante elas. Assim, a experiência etnográfica constitui-se num momento privilegiado na compreensão das verdades e da produção do conhecimento social e o trabalho de campo como um rito de passagem exige uma reeducação dos sentidos.

---

<sup>4</sup> Há uma distância entre aquilo que as pessoas fazem e aquilo que elas dizem e pensam que fazem quando realizam um ato, muito embora os estudos em antropologia da performance demonstrem quão pequenas é ou mesmo que não há distância entre o dizer e o fazer. (ROCHA e TOSTA, 2013, p.54).

Portanto, o estudo etnográfico é uma forma de educação na medida em que aprendemos com os outros nos convida a ver no outro e suas diferenças, muitas vezes, formas alternativas de sociabilidade ou de resolução de conflitos entre os homens. Quem sabe assim, nos possibilitando uma maior abertura (visual, dialógica, intelectual, cognitiva e afetiva) para enfrentar os problemas do cotidiano (ROCHA e TOSTA, 2013). Assim, proponho mergulhar no campo e nos sujeitos desse pedaço: a Barra do Guaicuí.

### 3 BARRA DO GUAICUÍ: APRESENTANDO O CAMPO

Assumindo a etnografia como teoria e método de investigação deste estudo, começo minha “navegação” no campo. A Barra do Guaicuí é considerada uma comunidade ribeirinha localizada as margens de dois rios, o das Velhas e o São Francisco e cortada pela BR- 365 que liga ao estado de Goiás. Trata-se de um distrito de Várzea da Palma, ficando a 79Km da sua sede. Está localizado a 371km da capital mineira (Belo Horizonte) e entre dois grandes municípios da região norte do Estado de Minas Gerais (Pirapora, 24Km, e Montes Claros, 145Km).

Segundo Neves (1998), um dos povoados mais antigos do antigo Médio São Francisco, a Barra do Rio das Velhas (antigo nome do local), situado na confluência do rio das Velhas com o São Francisco, tem uma posição geográfica estratégica: ali se iniciava o trecho navegável do São Francisco. Por outro lado, pode-se falar da proximidade do local em relação a Sabará e ao Tejuco (Diamantina).

Os estudos de Neves (1998), apontam que a Barra do Rio das Velhas serviu, no século XVIII, como empório intermediário entre as duas regiões local para onde convergiam tropeiros e remeiros. É possível que o principal produto desse comércio entre as regiões fosse o sal trazido dos povoados salineiros, na Bahia, pelas barcas.

Vale lembrar que a pecuária já era a base da economia do Alto São Francisco e o sal, indispensável para a alimentação do gado. As canoas que desciam o rio a partir da embocadura do Paraopeba certamente traziam produtos para serem trocados em Barra do Guaicuí e adjacências (NEVES, 1998).

É importante esclarecer que, em virtude da inexistência de caixas frigoríficas, a conservação e exportação do pescado só eram possíveis depois de salgado o referido produto. Barra do Guaicuí importava o sal em escala significativa, mas, por outro lado, exportava em lombo de burros o pescado para os centros urbanos mencionados anteriormente. Os remeiros e tropeiros é que tornavam possíveis essas articulações tão importantes para a integração socioeconômica de regiões distintas. (NEVES, 1998, p.52).

De acordo com Rocha (2009), o composto territorial que forma o município pertencia ao morgado<sup>5</sup> Guedes de Brito – Governador da Bahia. Sendo seu mandatário Emanuel Nunes Viana. O local surgiu no início do século XVII, o arraial de Barra do Rio das Velhas, posteriormente denominada Barra do Guaicuí foi primitivamente povoado por índios Cariris, emigrados de Santana do Cariri, no Ceará, provavelmente à procura de regiões em abundância de caça e pesca.

A Barra do Guaicuí era Morgado, que posteriormente foi dividido em capitânias. Berço histórico regional firmou seu domínio a partir do século XVII, com a chegada dos jesuítas em 1650, depois pelos Bandeirantes Fernão Dias Paes Lemes e Emanuel Borba Gato em meados de 1679.

A região dos Rio das Velhas com São Francisco não oferecia grandes minas de ouro que se tem notícias como as minas de Sabará e região... A economia do Rio das Velhas e São Francisco baseava-se na agricultura, na pecuária e na pesca e não na mineração. A região do São Francisco e Rio das Velhas era o celeiro abastecedor de carnes, peixes e gêneros das minas em todo sertão. (MORAIS, 2007, p.12).

Morais (2007), afirma que no porto faziam trocas de peles de animais e aves silvestres, carne seca, pedras preciosas vindas de Sabará e Diamantina, conduzidos em tropas de burros. Os pescadores locais vendiam peixes salgados e os lavradores, seus produtos retirados das terras, fertilizadas pelas enchentes dos rios. Ali no povoado havia grandes depósitos de sal e salga de peixes exportados para o centro da capitania, Diamantina, Serro, Sabará, Vila Rica e outros centros fora das margens dos rios.

---

<sup>5</sup> Bens vinculados que não podiam ser alienados ou divididos.



O mesmo autor comenta que quase a totalidade das famílias em Guaicuí são de descendentes de negros e índios. A tradição de pescadores e pequenos lavradores vem desde sua fundação, pois com o esgotamento das minas no início da colonização e libertação dos escravos, todos se fixaram às margens dos rios, fartos em peixes, e suas vazantes férteis, assim como as ilhas propícias à pequena agricultura. Mas essa fartura não perdurou por muito tempo.

Segundo Moraes (2007) o fato é que, com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro, na cidade de Pirapora, e a incrementação da navegação a vapor do Rio São Francisco, houve um grande desenvolvimento no local. Isto fez com que parte da população do povoado migrasse ainda mais para lá à procura de vida melhor. O mesmo autor, afirma que “até 1950 Guaicuí tinha pouco mais de 50 casas residenciais e 80 eleitores” (MORAIS, 2007, p.108), e na “escola não passava de 30 alunos em classes misturadas” (MORAIS, 2007, p.112).

De lá para cá, muita coisa mudou. Sua população é de 1849 pessoas, com predominância negra, e grande influência da religião católica, mesmo contando com três igrejas evangélicas. Os moradores vivem da pesca (são 100 registrados na Colônia de Pescadores Artesanais e Aquicultores de Guaicuí – Várzea da Palma); do pequeno comércio local: 1 posto de gasolina, 3 mercados, 1 depósito de material de construção; 4 pousadas de turismo de pesca, alguns bares e lojas de roupas; duas empresas de exploração de areia retirada do Rio São Francisco; do plantio/venda de produtos agrícolas (Uva, laranja e banana); e alguns beneficiários do programa Bolsa Família.

Em relação à educação destaco que o distrito possui uma escola de educação infantil e outra de ensino fundamental I da Prefeitura; e uma escola estadual de ensino fundamental II e médio, está mantendo uma estrutura de ensino, prédios, professores, funcionários e alunos como outras escolas brasileiras. Desenvolve um sistema de ensino vinculados as diretrizes e princípios da secretaria de educação do estado de Minas Gerais, mas, também ocorrem outras vivências e aprendizados, sentidos e significados próprios daquela comunidade (como a proposta de realização do aprendizado da Dança

de São Gonçalo), além das práticas de socialização e convívio, colaborando com a construção das identidades dos sujeitos.

No ano de 2018 estavam matriculados na Escola Estadual Barra do Guaicuí 412 alunos distribuídos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e do 1º ao 3º ano do ensino médio nos turnos manhã e tarde. A escola da Barra possui parcerias com a Fazenda Mantiqueira, onde os alunos aprendem a trabalhar com a agricultura, com a Polícia Militar (o Programa Educacional de Resistência às Drogas – Proerd); e com a Polícia Civil (emissão de carteira de identidade).

Em relação ao turismo se destaca na Barra: os dois rios e os escombros de uma igreja de pedra conhecida como Igreja Bom Jesus de Matozinhos, “ainda hoje, há ruínas de um templo setecentista que impressiona o visitante por suas dimensões quiçá representativas de uma população numerosa no passado” (NEVES, 1998, p.49).

Segundo Morais (2007), a igreja é do Século XVIII sua construção é atribuída aos jesuítas na confluência dos rios São Francisco e das Velhas que por motivos de erosão e acumulação de detritos o encontro se deslocou. Segundo Rocha (2009):

O início de sua construção está demarcado pelo século XVII, em meados do ano de 1650. Senhor Bom Jesus de Matozinhos, protetor dos navegantes, nome da igreja que por herdeiros da Casa da Ponte, García D'Ávila, utilizou do trabalho dos jesuítas, que tinha como objetivo a catequização dos escravos, estes que foram “a mão” que erguera com pertinência as imensas e intermináveis paredes da ruína. (ROCHA, 2009, p.25).

O mesmo autor afirma que no dia 22 de março de 1985, por meio do Decreto nº. 24.324, na categoria de bem imóvel, datado pela segunda metade do século XVIII, é efetivado o tombamento deste monumento intitulado Ruínas da Igreja Bom Jesus de Matozinhos, pelo Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico – IEPHA.<sup>6</sup>

---

6

[http://www.iepha.mg.gov.br/index.php?option=com\\_ponygallery&Itemid=50&func=viewcategory&catid=169](http://www.iepha.mg.gov.br/index.php?option=com_ponygallery&Itemid=50&func=viewcategory&catid=169). (ROCHA, 2009, p.27)

Logo à frente da igreja temos a “praça da saúde” (um equipamento construído pela Prefeitura), local que tem alguns equipamentos de ginástica, uma quadra de areia e um campo de futebol. Ao entardecer é possível observar algumas pessoas caminhando nesse local, em sua maioria mulheres e alguns jovens/adultos exercitando e/ou jogando vôlei. No campo de futebol acontecem jogos nas segundas e terças à noite com moradores da comunidade e de outros locais.<sup>7</sup>

É interessante perceber que praticamente toda a Barra é plana, mas as pessoas optam em fazer caminhadas ali, mesmo que este possui um pequeno trecho asfaltado e o restante da “pista” em terra. Os moradores certamente associam o nome à atividade promotora da saúde, por isso a escolha do local.

No campo da saúde destacamos que os moradores do distrito são atendidos pela Estratégia Saúde de Família (ESF), composta por diversos profissionais (nutricionista, ginecologista, pediatra, psicólogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, ortopedista, cirurgião geral, clínico geral, saúde da mulher, anestesista, dentista e 2 residentes em enfermagem – parceria com a UFMG, havendo a troca a cada três meses) e 5 agentes comunitário de saúde (ACS), que se alternam em dias e horários. A ESF funciona 24 horas por dia durante os sete dias semanais sendo os casos de urgência e emergência encaminhados para o Hospital em Pirapora via Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU).

Agora que navegamos pelo pedaço é importante conhecer os sujeitos, colaboradores desse trabalho e as estratégias etnográficas da pesquisa. Sem essas aproximações e estratégias não seria possível conhecer o local, as pessoas e suas manifestações socioculturais.

### 3.1 As estratégias etnográficas e os sujeitos da pesquisa

Para encontrar e conhecer (um pouco) os sujeitos da pesquisa realizei um questionário diagnóstico (adaptado de Silva, 2008), enviado ao diretor da escola via e-

---

<sup>7</sup> Isayama (2007, p.32) comenta que, “na atualidade, as atividades físicas e esportivas são uma das possibilidades de lazer mais difundidas em nosso meio, tanto no que concerne à vivência quanto à assistência de jogos, participação em atividades físicas, bem como em competições esportivas”.

mail. Ele foi impresso e respondido por 51 alunos do segundo ano do ensino médio da escola estadual (assim em 2018, ano que foi realizado a maior parte do campo, estes alunos estavam em sua maioria no terceiro ano e na mesma).

Após o preenchimento por parte dos alunos, o diretor recolheu o material, sendo-me entregue na primeira ida ao campo. Esse instrumento foi essencial, para traçar o perfil dos estudantes, jovens moradores ribeirinhos e conhecer algumas de suas vivências de lazer. Também serviu para fazer os primeiros contatos telefônicos, agendando possíveis dias/horários para alguma entrevista, conversa ou bate papo informal. Dessa forma quem são os estudantes que responderam ao questionário?

Com base nesses dados identifico que a maioria dos estudantes do segundo ano do ensino médio são mulheres (33). Os estudos de Silva (2008) já apontam uma maior participação das mulheres nos anos finais da educação, principalmente, porque os jovens homens abandonam os estudos para dedicar ao trabalho. Como se vê, o número de jovens com 17 e 18 anos é a maioria, somando 46 pessoas. Esta faixa etária corresponde ao fim do terceiro ano do ensino médio.

A soma dos que se autodeclararam pretos e pardos soma 46 estudantes, como a maioria dos habitantes desde a fundação do vilarejo, sendo, portanto, a etnia mais presente na comunidade e nenhum dos jovens se autodeclarou indígena. 26 moram na Barra há mais de 15 anos, ou seja, vivenciam a cultura do local em diálogo com outros atores da comunidade, onde constroem e transformam suas identidades em diálogo das tradições com a contemporaneidade.

No campo da prestação de serviços também podemos encontrar uma relação com os dados de Silva (2008, p.56) “dos que trabalharam nota-se que os meninos fazem o trabalho braçal (servente de pedreiro, lava-jato) e as meninas do lar (creche, babá, salão de beleza), trabalhos informais e temporários”, na Barra, as jovens trabalham com: atendente de sorveteria; auxiliar administrativa; serviços gerais; faxina, dormir com idosa; manicure, cabeleireira, garçone; pescadora; atendente em bar; babá; colhendo laranja/mexerica, fazendo carvão; atendente de escritório; no restaurante. Os jovens atuam como: vaqueiro; serviços gerais; servente de pedreiro e venda de peixe;

agricultura e pescaria; atendente na sorveteria; auxiliar de serviço braçal; caseiro; colheita de uva; com gado, colheita de feijão, carga de soja e de milho.

Outra ferramenta metodológica adotada foi à entrevista, entendendo-a como narrativas de memórias. Escutar (por meio das memórias/narrativas) diversos sujeitos, com idades diferentes, que são ou já foram jovens foi importante para compreender as transformações e construções das identidades, das manifestações culturais e das vivências de lazer, pois a juventude da Barra do Guaicuí encontra-se imersa em uma trama social e seria quase que impossível conhecê-la em suas práticas sem ouvir/conviver com outros que compõe esse pedaço.

Assim, para aprofundar nas discussões, realizei quatorze entrevistas (adaptada de Soares, 2017), sete com jovens, cinco com adultos e duas com idosos, sujeitos, que por diversos motivos se aproximaram do pesquisador (e vice-versa) em vários momentos do trabalho de campo. Escutar os adultos e idosos foi fundamental para compreender as alterações e permanências nas vivências dos jovens e como isso pode alterar/modificar a construção de suas identidades.

De acordo com Delgado (2003), narrativas, memórias, histórias e identidades são a humanidade em movimento, são olhares que permeiam tempos heterogêneos, é enredo em construção, são lembranças que falam. Delgado (2003), afirma que tempo e memória são pontes de ligação que integram as múltiplas extensões da própria temporalidade em movimento. A memória por sua vez, como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram a temporalidade de suas vidas. Para a mesma autora, os acontecimentos da vida em comunidade, e mesmo das experiências mais solitárias da vida, são sinais exteriores, são estímulos para o afloramento de lembranças que constituem o estofa do tempo da memória: individual, local, comunitária, regional e nacional.

Ainda segundo Delgado (2003), as lembranças contêm incomensuráveis potencialidades: destacando-se o fato de trazer consigo a forte marca dos elementos

fundadores e os elos que conformam as identidades e as relações de poder (o que pode ser constatado nas entrevistas dos sujeitos da pesquisa).

Para a mesma autora (2003, p.23), “as narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória, se alimentam”. Desta maneira concordo com Delgado (2003) que os melhores narradores são aqueles que deixam fluir as palavras na tessitura de um enredo que inclui lembranças, registros, observações, emoções, reflexões, testemunhos. São eles sujeitos de visão única, singular, porém integrada aos quadros sociais da memória e da complexa trama da vida, que constroem e reconstroem a cultural do pedaço.

Apresento os sujeitos da pesquisa e as condições na qual foram realizadas as entrevistas. Todas elas foram gravadas. Após a transcrição, elaborei um texto e apresentei para eles. Em alguns casos realizamos alterações, em outros não, e assim, todos assinaram o documento de autorização da publicação. Todos esses atores sociais tiveram suas identidades preservadas, sendo identificados no estudo por nomes fictícios. Passo a apresentá-los: idades, grupo etário e profissão.

**Quadro 1 – Sujeitos das entrevistas**

Identificação	Idade	Grupo etário	Profissão
Valdir	14 anos	Jovem	Estudante
André	16 anos	Jovem	Estudante
Enzo	16 anos	Jovem	Estudante e garçom
Alice	18 anos	Jovem	Atendente em depósito de construção

Keila	18 anos	Jovem	Estudante e vendedora autônoma.
Pedro	18 anos	Jovem	Estudante
Amanda	26 anos	Jovem	Pescadora e estudante
Davi	30 anos	Adulto	Professor
Welton	33 anos	Adulto	Diretor da escola
Nicole	40 anos	Adulto	Professora
Alana	51 anos	Adulto	Professora
Diana	56 anos	Adulto	Professora
Daniela	64 anos	Idoso	Aposentada/professora
Michele	74 anos	Idoso	Aposentada

Fonte: dados da pesquisa.

Cada sujeito concedeu a entrevista em local diferente e situações distintas. Isto me fez perceber o cuidado que o pesquisador deve ter com a realização delas, pois dependendo das condições podem ficar prejudicadas, com interferência de barulhos, som baixo e outros. Relato o local e a condição de realização da entrevista com os depoentes. As entrevistas foram individuais, mas realizadas no mesmo local, como veremos.

André, Enzo e Valdir: tive proximidade com esses jovens no campeonato escolar, sempre querendo ver as fotos que tirava e conversando comigo. Suas entrevistas ocorreram depois da partida de futebol na escola, em um domingo. Sempre me avisava dos jogos do City, para tirar fotos, isto me provocou a fazer uma foto do time e presenteá-los em um retorno.

Alice, Keila, Pedro: a conversa com esses três ocorreu em meio à organização da festa de aniversário da Keila (ornamentação da casa, cabelo e unhas).

Davi: essa foi uma entrevista atípica. Fui até sua casa e lá havia um problema de eletricidade. No momento, duas pessoas resolviam o problema. O Davi só conseguiu concentrar quando tudo estava resolvido. Enquanto esperava, fiquei assentado na cozinha assistindo ao vai e vem das pessoas, ferramentas, fios e escadas.

Alana e Welton: os dois são funcionários da escola e foi lá que concederam as entrevistas, em suas respectivas salas, no horário de serviço, por isso constantemente éramos interrompidos.

Amanda, Daniela, Diana, Michele e Nicole: as entrevistas ocorreram em suas respectivas casas.

Minha relação com estes sujeitos ao longo da pesquisa se deu de modo diferenciado. Com o Valdir, André e Enzo, tive um contato mais próximo. Eles sempre me enviavam mensagens pelas redes sociais para comunicar sobre os jogos do City ou de campeonatos, constantemente conversavam comigo na rua, na quadra ou nas danças de São Gonçalo e Festa do Divino.

Alice, Keila, Pedro e Nicole, fizeram as entrevistas e tiveram o retorno para possíveis correções delas, depois disso quando encontrávamos na escola ou nas ruas, acontecia um cumprimento, porém não conversávamos.

Outras jovens como Neusa, Érica, Vanda e Gleice assinaram o termo de participação na pesquisa, porém não se dispuseram para as entrevistas. Aproximaram de mim interessadas nas fotos da festa de São Gonçalo, mas depois houve um afastamento.



Por sua vez, a Amanda, sempre me cumprimentava na escola, fazia questão da minha presença na sua casa quando estava na Barra, para um papo. Em uma dessas levei uma das fotos do trabalho de presente para ela, sempre havia uma conversa boa e duradoura, sobre as coisas do pedaço, da vida e da família.

As entrevistas aproximaram bastante Davi, Welton e eu, provavelmente pelo fato de sermos professores. Nós três sempre estávamos conversando, na escola, nas ruas, bares e festas locais. A todo tempo enalteciam a cultura local, falavam também da continuidade de estudos, Welton estava cursando mestrado em arte pela Universidade Federal de Uberlândia e Davi pleiteado entrada no mesmo.

Com Alana, Daniela, Diana e Michele encontramos e conversamos em todas as Danças de São Gonçalo e festa do Divino, sempre receptivas e atenciosas, perguntavam sobre o andamento do meu trabalho em todas as oportunidades. Sendo que Diana enviava mensagem toda vez que havia uma manifestação cultural/religiosas no pedaço.

Apresentar esses sujeitos, suas falas e vivências são formas de valorizar suas memórias, trajetórias, identidades e histórias de vida, mostrando diferentes formas de ser jovem (ontem e hoje), de vivenciar o lazer, a escola, o trabalho e a religião, abrindo possibilidades de compreender as práticas de lazer dos jovens da Barra do Guaicuí enquanto uma comunidade tradicional em diálogo com a contemporaneidade.

## 4 FINALIZANDO

Ir até a Barra do Guaicuí, encontrar os sujeitos e suas vivências, é fortalecer uma cultura existente naquele contexto social e histórico, seja ela tradicional (permanente, fixa e imutável) ou em diálogo com as produções e transformações sociocultural do mundo. Escutar, descrever e analisar os jovens onde estão inseridos fornece mais do que pistas sobre eles, mas modos de ser e viver de uma população ribeirinha.

É fundamental que se inicie pesquisas deste tipo para contribuir com as lacunas existentes na produção acadêmica a respeito da juventude, lazer e comunidades

tradicionais, pois, sabemos pouco sobre esses sujeitos e suas vivências. Compreender as práticas de lazer dos jovens ribeirinhos, seus locais de circulação e apropriação nos oferecem algumas dicas sobre quem são esses jovens, onde estão inseridos, quais as suas oportunidades de escolhas, de relações, experiências e oportunidades. Como esses sujeitos, nas suas relações sociais, experimentam e vivenciam as suas práticas do cotidiano?

Desta forma é de suma importância estudar os contextos e os atores que participam dessa construção cultural e social, amplificando as vozes desses sujeitos e valorizando essa comunidade. Como esses sujeitos apropriam-se, elaboram e reconstróem-se nesses espaços em diálogo com o lazer? Entender esse grupo é o desafio da pesquisa, compreendendo-os como jovens que, na relação com outros sujeitos e o meio-ambiente, produzem e reproduzem corpos, identidades, comportamentos, estilos de vida em diálogo permanente com os membros da sua comunidade e com o Rio São Francisco.

Para isso foi necessário apostar nas teorias antropológicas e na etnografia como metodologia de coleta de dados, que se constitui epistemologicamente na matriz disciplinar da antropologia. A etnografia, assim compreendida, como método e teoria nos estudos das culturas, parece a abordagem mais adequada para a realização de uma pesquisa cujo objetivo é compreender os sujeitos e suas práticas culturais e sociais.

## REFERÊNCIAS

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998. 319p.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**. 2003, p.09-25.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John I. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 224 p.

FERREIRA, Mayrla Andrade. **Saberes e práticas Ananin**: um estudo sobre a construção das corporeidades cotidianas na cidade de Ananindeua/PA. 2018. 241 f. Tese (Doutorado em Educação) – PucMinas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2014. 215 p.

GOMES, Ana Maria Rabelo; FARIA, Eliene lopes. **Lazer e diversidade cultural**. Brasília: SESI/DN. 2005. 85 p.

ISAYAMA, Helder Ferreira. Reflexões sobre os conteúdos físico-esportivos e as vivências de lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.), **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p. 31-46.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº49, vol.17, p.11-29, 2002.

\_\_\_\_\_. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/Unesp, 3 ed. 2003. 166 p.

\_\_\_\_\_. **Da periferia ao centro**: trajetória de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Terceiro nome, 2012. 349 p.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Objetivo, método e alcance desta pesquisa**. Introdução ao Argonauts of the Western Pacific – 1922 (trad. bras. Argonautas do Pacífico Ocidental, São Paulo: Abril Cultural, 1976). Capítulo presente em: Guimarães, Alba Zaluar (1990) – Desvendando máscaras Sociais.

MORAIS, Mário Francisco. **Memória viva**: História, Lendas e Folclore de Guaicuí. Belo Horizonte: Editora Gráfica Literatura. 2007. 122 p.

NEVES, Zanoni. **Navegantes da Integração**: os Remeiros do Rio são Francisco. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998. 296 p.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003. 271p.

ROCHA, Wádson Pereira. **Arte-educação**: desafios para a preservação do patrimônio histórico, artístico de Guaicuí. Monografia apresentada ao curso de Especialização em ensino de artes visuais da Escola de Belas Artes UFMG. Belo Horizonte, 2009, p 77.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ed. 2013. 159 p.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Sociabilidade juvenil, mídias e outras formas de controle social. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia. (Orgs.) **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, 2011. p.67-80.

SILVA, Leonardo Toledo. **Meninas e meninos da Serra**: as oficinas de esporte/lazer do programa Agente Jovem de desenvolvimento social e humano no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte.

Monografia apresentada ao curso de Especialização da EEEFTOUFGM. Belo Horizonte, 2008, p 72.

\_\_\_\_\_; TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. Comunidade Ribeirinha, Lazer e Juventude: possibilidade de pesquisa e etnografia. In: **IV colóquio internacional povos e comunidades tradicionais**. Montes Claros, 2016. p.37-40

SOARES, Khellen Cristina Pires. **Cultura e lazer na vida cotidiana do povo AKWĒ-XERENTE**. 2017. 171 f. Tese (Doutorado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

VICTORIA, Cláudio Gomes da. Juventude e cultura nos rios de uma comunidade ribeirinha no Amazonas. **X encontro regional sudeste de história oral**. Campinas, 2013.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naif, 2012. 384 p.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 390 p.